

# LÁGRIMAS DE HERACLITO: A UNIDADE CRIATIVA DE SENTIMENTO E PENSAMENTO NA OBRA DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA

HERACLITO'S TEARS: THE CREATIVE UNITY OF SENTIMENT AND THOUGHT IN THE WORK OF PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Tiago Eric de Abreu\*  
tiagoeabreu@gmail.com

Refletindo sobre a emotividade humana vinculada à escritura literária, o presente artigo apresenta questões suscitadas pela leitura da obra de Padre António Vieira “Lágrimas de Heraclito”, que versa sobre o riso e o pranto, expressando o paradoxo existencial das emoções. Apoiando-se nos novos paradigmas do conhecimento, emanados da obra do pensador indiano Amit Goswami, o presente estudo aborda o tema considerando a consciência como sendo a unidade de vivência e comoção. A integração de sentimento e pensamento na criatividade poético-literária conduz a considerações sobre o fenómeno emocional e suas implicações éticas para a consciência. Considerando que no paradigma integrativo convergem múltiplos campos de estudos em humanidades, o presente artigo elabora uma reflexão sobre as expressões anímicas intuitivas e simbólicas da criatividade emocional na arte literária.

**Palavras-chave:** literatura, ética, psiquismo, emotividade, Consciência, intuição.

Reflecting on human emotiveness in literary work, this paper examines some questions motivated by the text “Lágrimas de Heraclito”, written by the Portuguese Padre António Vieira. This literary text deals with laughter and weeping, expressing the existential paradox of emotions. The new paradigms of knowledge, as described by the Indian researcher Amit Goswami, provide us with the integrative approach that conceives consciousness as being the unity of life, gathering together thoughts and feelings. In approaching the emotiveness phenomena, the idea of consciousness primacy helps us to elucidate the moral and ethical questions implied in poetic creativeness. Considering that the integrative paradigm amasses multiple spaces

\* Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil.

for humanities studies, this reading is an attempt to answer how the intuitive and symbolic expressions of emotional creativity appear in literary artwork.

**Keywords:** literature; ethic; psyche; emotiveness; Consciousness; intuition.



*This One in me is creative. Its creations are a pastime, through which it gives expression to an ideal of unity in its endless show of variety. Such are its pictures, poems, music, in which it finds joy only because they reveal the perfect forms of an inherent unity... 'The One is Love' – Rabindranath Tagore*

## 0. Introdução

Diante das transformações do mundo contemporâneo, caracterizado pela sociedade técnica e pela alta racionalização das relações sociais, os fenómenos emocionais trazem à reflexão alguns dos aspetos irracionais do ser humano. Se a hipostasia da razão esclarecida nas sociedades modernas conduziu, por certo viés, à ampliação do conhecimento sobre a natureza física, o desconhecimento da natureza psíquica humana tem-nos levado, paradoxalmente, à subestimação das emoções e ao abismamento na irracionalidade. Eis o paradoxo: as nações abastadas exploram o macrocosmo sideral, mas os filhos da terra ainda se digladiam na barbárie da guerra e sucumbem pela fome.

Fazendo frente à unilateral sobrevalorização do realismo da ciência clássica, cujos paradigmas dominaram o cenário epistemológico nos últimos cinco séculos, diversos estudos em humanidades no século XXI atentam para a integralidade do fenómeno humano, revendo as contribuições das artes para o entendimento das emoções e dos fatores ainda pouco conhecidos do microcosmo psíquico.

A relação entre a arte e os fenómenos emocionais é um tema já estudado na antiguidade helénica, e está presente na *Poetica* de Aristóteles (1986), quando o filósofo discorre sobre a catarse na tragédia grega, e sobre a purificação dos sentimentos como a piedade e o medo por meio do teatro. Complementando o ponto de vista clássico, no entendimento da Psicologia moderna, o leitor/espectador se identifica com a obra artística pelo fenómeno conhecido como projeção, encontrando nela, com empatia ou aversão, a encenação de seus dramas íntimos. Considerada em um ponto de

vista que reúna o saber clássico e o contemporâneo, tanto nas artes dramáticas quanto na literatura, a linguagem abrange uma ampla gama de estados emocionais da experiência humana, conferindo-lhes forma e sentido.

Não obstante a emotividade ser um fenómeno universal, as expressões e sentidos atribuídos às emoções são culturalmente variados, sendo a literatura um testemunho multifacetado da plurivocidade das manifestações do sentir e do pensar, em que o desejo de dar forma ao pensamento adquire múltiplas dimensões tangíveis.

## 1. O Rio de lágrimas de Heraclito

A expressividade emotiva é o tema da obra “Lágrimas de Heraclito”, de Padre António Vieira (1608-1697), texto em que o escritor e orador português demonstra a amplitude simbólica da linguagem, ao versar sobre o riso e o pranto, expressões comuns à condição humana.

Segundo a tradição propalada por Séneca, na antiga Grécia, o filósofo pré-socrático Demócrito ficara marcado pelo riso caricatural, enquanto Heraclito vivia a chorar. Conforme narra a história, na corte da rainha Cristina Alexandra da Suécia, Padre António Vieira fora incumbido de defender as lágrimas de Heraclito frente ao riso de Demócrito, que seria defendido por outro orador, numa espécie de desafio de argumentação retórica.

No referido discurso de Padre António Vieira, proferido em Roma, no ano de 1674, o autor interpreta o riso e o choro não como meros signos, mas como símbolos de sentimentos imprecisos: “Há chorar com lágrimas e chorar com riso” (Vieira, 1953, p. 131). O texto sugere reflexões sobre como o estado emotivo varia em expressão e intensidade de sentimentos, a depender da forma como o indivíduo interpreta e reage aos fenómenos: “me parece que Demócrito não ria, mas que Demócrito e Heraclito ambos choravam, cada um a seu modo” (Vieira, 1953, p. 131).

António Vieira identifica ambas as emoções – a ligada ao riso e a relativa ao pranto –, como originárias de uma base coletiva de sentimentos que se manifestam paradoxalmente. O escritor português reconhece que, subjetivamente, a expressão das emoções é direcionada, moldada segundo a forma como o indivíduo atribui sentido ao sentimento. O riso de Demócrito seria, portanto, a transmutação de uma dor; ria-se ele do ‘desconcerto do mundo’. Assim, a emotividade aproxima-se de uma espécie de pensamento não verbal, mostrando-se, no texto de Vieira, como interpretação do sentimento do mundo.

## **2. Criatividade emocional: o desejo de dar forma ao pensamento**

O fenómeno emocional pode ser abordado pelo prisma que o concebe como atividade anímica em que se consubstanciam o pensamento e o sentimento. Sendo, pois, considerada uma cognição (Cates, 2003, p. 327), a emoção tende a ser apenas parcialmente consciente, condicionando os pensamentos que dela se originam a um ponto de vista afetivo unilateral, ligado ao desejo. Comoções profundas nascem da constatação da contradição da vida, ante a perplexidade motivada pela percepção do enigma, da amplitude do mundo e a finitude do ser humano. “Quem conhece verdadeiramente o Mundo, precisamente há de chorar; e quem ri ou não chora, não o conhece”, escreve Padre António Vieira (1953, p. 130).

O enigma do mundo, segundo o filósofo e hermeneuta alemão Wilhelm Dilthey, são os aspetos da vida que se embatem na alma humana e, testemunhados pela literatura e as outras artes, encontram na linguagem poética uma expressão que nasce das vivências anímicas profundas (Araújo, 2008, p. 170).

Sônia Araújo, estudiosa da obra filosófica de Dilthey, afirma que, segundo aquele filósofo, o homem “é um sujeito de atitude contemplativa, volitiva e afetiva [...]. O homem, diz ainda, conhece a realidade pela inteligência, a valoriza em sentimentos e a ajusta pela vontade” (Araújo, 2008, p. 181). Sônia Araújo, tecendo um comentário sobre os aspetos histórico-psicológicos envolvidos na hermenêutica literária de Dilthey, acrescenta que, através da poesia, conhecemos a ordem sentimental dos valores da vida.

## **3. Consciência: o princípio integrador**

Um paradigma inclusivo e integrativo traz a possibilidade de reunir conceções aparentemente antagónicas como as ciências cognitivas e as tradições poéticas e espirituais: os novos paradigmas do conhecimento reúnem a reflexão e o sentimento, a experiência da emoção e da inteligência vital, consubstanciados no conceito de intelecto supramental (Goswami, 2006, p. 53). Este aspeto supramental da vida humana torna-se visível na atitude criativa, sobretudo no fenómeno intuitivo tal como se apresenta no pensamento simbólico literário.

Os novos paradigmas do conhecimento, ao conciliarem tradições de antigas culturas e os novos conceitos da física quântica, propiciam a compreensão ampliada dos estudos em humanidades. Em seus estudos sobre

o homem integral, Amit Goswami (2006, p. 183) propõe que “além do mundo físico, há também o mundo vital do sentimento. Os sentimentos – o movimento da energia vital – vêm com significado inerente? Não. O que dá significado aos nossos sentimentos? A mente. Apenas a mente nos capacita a processar significado”.

Partindo dessa compreensão, Goswami retoma conhecimentos da tradição milenar da Índia e, concebendo a consciência como algo que antecede as experiências e é independente do sujeito e do objeto, entendendo que ela não é um mero epifenômeno do cérebro, admite ser essa consciência a possibilidade de interação entre a energia vital – sentimentos e emoções – e a mente que atribui significado aos afetos. O pesquisador indiano escreve:

Dois grandes médicos da Grécia antiga, Hipócrates e Galeno, acreditavam que os pensamentos e as emoções fluíam para os vários sistemas do corpo e os afetavam diretamente por interação de contato. As pesquisas avançadas confirmam a verdade disso. (Goswami, 2006, p. 189)

O elo entre as reflexões da antiguidade helénica e a ciência neuropsicológica contemporânea encontra-se, segundo o autor, no fenômeno da mentalização e suas consequências fisiológicas: “Como a mente e o significado afetam os nossos sentimentos, em um processo que eu chamo de mentalização? Por meio do sistema nervoso autônomo e das conexões psiconeuroimunológicas descobertas recentemente” (Goswami, 2006, p. 185).

A compreensão de que a entidade humana pode ser representada holisticamente como um ser *biopsico-sociológico* e espiritual expande as possibilidades de consideração da literatura para além da mera ficção, possibilitando o entendimento da realidade psíquica inerente ao ato de criação artístico e suas implicações éticas para a consciência e a cultura.

#### **4. Entre sentir e nomear**

Promover a integração dos pontos de vista complementares do conhecimento humano é tarefa que expande possibilidades de abordagem para os estudos literários, reavivando seus elos com múltiplas áreas do saber humano. Embora os nomes que se dão aos sentimentos sejam provisórias tentativas de dar sentido a qualidades fugidias que atuam psíquica, física e moralmente, conforme aprofundamos o estudo das concepções a respeito dos fenômenos emotivo-criativos, percebemos que alguns pesquisadores concordam naquilo que há de universal nessas manifestações. À parte as

diferenças de orientação teórica, é possível encontrar algumas correspondências.

Considerando diferenças de denominações entre emoções, afetos, sentimentos, desejos (ou paixões) e apetites, Diana Fritz Cates (2002, p. 327), ao expor o trabalho *Upheavals of thought* (Nussbaum, 2001), enfatiza que a nomenclatura a respeito da vida interior humana não é válida universalmente. Esse ponto pode ser considerado como positivo, uma vez que a diversidade de abordagens, cada uma delas se atendo a aspectos circunscritos, enriquece o conhecimento das múltiplas qualidades psíquicas, de forma que diferentes paradigmas podem ser complementares entre si.

Sobre o conceito de emoção, Nussbaum sustenta que o fenómeno emotivo e a cognição estão intimamente ligados (Cates, 2003, p. 328). Para a filósofa americana, as emoções seriam pensamentos, cognições. Ela restringe o termo ‘emoção’ aos fenómenos dos quais se tem certo grau de consciência, diferenciando-o das sensações (principalmente os movimentos involuntários e processos corporais).

Por outro ponto de vista, na tentativa de distinguir não exaustivamente, mas provisoriamente, algumas qualidades da emotividade humana, Carl Gustav Jung toma afeto como sinónimo de emoção, e aceita que o afeto é a intensificação de um sentimento; este último distingue-se de afeto em razão de o sentimento não provocar inervações corporais sensíveis, “isto é, tão poucas quanto um processo convencional do pensamento” (Jung, 2012, p. 483). No entanto, sabemos que o simples fato de pensar em uma pessoa querida provoca alterações rítmicas no coração.

A obra do psiquiatra e psicólogo suíço, fundador da Psicologia Analítica, apresenta um entendimento do elo existente entre a comoção mítica originária dos primórdios da cultura, a antiguidade clássica, o pensamento medieval e a ciência psicológica do século XX. O pesquisador da alma humana recorre largamente à literatura de várias épocas e lugares, na pesquisa dos símbolos encontráveis na atividade antropológica milenar. Jung, ao considerar as quatro funções psicológicas básicas (sensação, intuição, pensamento e sentimento), refere-se ao sentimento como sendo a função que atribui valor às percepções: “Assim como o pensamento ordena os conteúdos da consciência em forma de conceitos, o sentimento os ordena de acordo com seu valor” (Jung, 2012, p. 484).

A visão de Martha Nussbaum aproxima-se do ponto de vista de Jung quando a filósofa propõe que os termos ‘sentimento’, ‘percepção’ e ‘juízo’ seriam análogos (Cates, 2003, p. 332). Assim concebido, o sentimento é uma forma de valoração, com que o indivíduo avalia o que seria

bom ou mau, desejável, indesejável, etc., ligando-se portanto, às escolhas éticas da consciência. O sentimento pode também transparecer como disposição de ânimo, como humor.

Carl Jung também distingue o sentimento quanto à sua relação com a vontade consciente:

O sentimento ativo é, portanto, função dirigida, um ato de vontade, como por exemplo amar em contraposição a estar enamorado; este último seria um estado passivo, não dirigido, como a própria linguagem o mostra: o primeiro é uma atividade, o segundo é um estado. O sentimento não dirigido é intuição sentimental. Em sentido estrito, só o sentimento ativo, dirigido, poderia ser denominado racional, ao passo que o sentir passivo é irracional, na medida em que estabelece valores sem a participação do sujeito, às vezes mesmo contra a intenção deste. (Jung, 2012, p. 485)

O ponto de vista junguiano demonstra, assim, o entrelaçamento das quatro funções, em que os sentimentos mais intensos constituem afetos (emoções) que, por sua vez, se são conscientes, estão ligados ao pensamento e à vontade. Por sua vez, Martha Nussbaum admite que os apreços pelo objeto, o desejo, a carência, e até mesmo o amor erótico são pensamentos.

Logo, em “Lágrimas de Heraclito”, de António Vieira, o pranto é visto como atributo da razão:

A primeira propriedade do racional é o risível; e digo que a maior impropriedade da razão é o riso. O riso é o sinal do racional, o choro é o uso da razão [...]. Se não chora, mostra que não é racional; e se ri, mostra que também são risíveis as feras [...]. É o homem risível, mas nascido para chorar; porque se a primeira propriedade do racional é o risível, o exercício próprio do mesmo racional, o uso da razão é o pranto. (Vieira, 1953, p. 130-145)

A ironia e o humor são apresentados por Vieira como qualidades inerentes ao juízo; isto é, a jocosidade concorda com a habilidade burlesca e inventiva da razão. O pranto, por sua vez, demonstra sua filiação ao racional pois está associado à capacidade de avaliar e reconhecer, afetivamente, a condição existencial humana.

Jung (2012, p. 484) reitera: assim como o pensamento, o sentimento é “função *racional*, porque, conforme a experiência o mostra, os valores em geral são atribuídos segundo leis da razão que, por sua vez, também governam a formação de conceitos”. No entanto, o psicólogo suíço diferencia a apreciação do sentimento e a análise racional, em termos de seus efeitos:

“O sentimento é também uma espécie de *juízo*, mas que se distingue do juízo intelectual, por não visar o estabelecimento de relações conceituais, mas a uma aceitação ou rejeição subjetivas” (Jung, 2012, p. 285).

Recorrendo ao texto de António Vieira, encontramos a analogia entre as atitudes subjetivas de Demócrito e de Heraclito:

Demócrito ria, porque todas as cousas humanas lhe pareciam ignorâncias; Heraclito chorava porque todas lhe pareciam misérias; logo, maior razão tinha Heraclito de chorar que Demócrito de rir; porque neste mundo há muitas misérias que não são ignorâncias, e não há ignorância que não seja miséria. (Vieira, 1953, p. 135)

Assim assinaladas, as diferenças de atitude de ambas as personagens frente ao desconcerto do mundo revelam subtis diferenças na orientação da personalidade de cada uma, ou seja, formas peculiares de sentir, pensar e lidar com estados emotivos.

Em um escopo semântico de valores cristãos, Padre António Vieira atribui a Demócrito uma atitude sobranceira ante as misérias do mundo, interpretando seu riso ora como irónico, ora como ridículo. Em contraparte, a Heraclito são atribuídas as qualidades da compaixão, haja visto ser o seu pranto interpretado como uma comoção diante do sentimento de misericórdia pelas misérias humanas. O filósofo Baruch de Spinoza assim define esse sentimento: “Essa imitação dos afetos, quando está referida à tristeza, chama-se comisseração. [...] Aquilo que afeta de tristeza uma coisa que nos causa comisseração, afeta-nos, igualmente, de uma tristeza semelhante” (Spinoza, 2013, p. 195).

A isto se chama empatia, um sentimento bastante explorado na retórica, com a qual a literatura dialoga desde tempos remotos. Na obra de Padre António Vieira, as forças contrastantes da tristeza e da alegria são descritas em termos de transformação e ressignificação:

A ironia tem contrária significação do que soa; o riso de Demócrito era ironia do pranto; ria, mas ironicamente, porque seu riso era nascido de tristeza, e também a significava; eram lágrimas transformadas em riso por metamorfoses da dor. (Vieira, 1953, p. 133)

Uma vez que a expressão emocional camufla o sentimento que a gerou, a tristeza podendo ser significada tanto pelo choro quanto pelo riso, deriva-se daí que um estado emocional gera múltiplas maneiras de se postar

diante dos sentimentos que nos afetam: “Há chorar com lágrimas e chorar com riso” (Vieira, 1953, p. 131).

O texto de Vieira assinala que a expressão das emoções é contraditória e até mesmo frustra as convenções. Na sublimação artística, por exemplo, a criatividade transborda para o mundo a voz inaudível da profundidade emotiva; a subjetividade mostra sua feição lírica, escondendo-se ao mesmo tempo. Encontramos os ecos do sentir primordial na expressão em forma de comunicação não verbal: “Por isso nasce o riso na boca, como eloquente, e o pranto nos olhos, como mudo” (Vieira, 1953, p. 129).

O indivíduo, ao partilhar sua dor com o mundo, veste-a de imagens e nuances tais, que a emotividade constitui uma linguagem única, falando por meio de símbolos. O caráter simbólico da expressão emocional sugere a imprecisão da fala diante do acometimento afetivo-sentimental.

Padre António Vieira relaciona a profundidade do abismo do sofrimento com o seu relevo exterior:

Chorar com lágrimas é sinal de dor moderada; chorar sem lágrimas é sinal de maior dor; e chorar com riso, é sinal de dor suma e excessiva [...] A dor moderada solta as lágrimas, a grande as congela e seca. Dor que pode sair pelos olhos não é grande dor [...]. Desta sorte a tristeza, se é moderada, faz chorar; se é excessiva, pode fazer rir [...]. Pois, se a alegria excessiva é causa do pranto, a excessiva tristeza por que não será causa do riso? (Vieira, 1953, p. 131-133)

Sendo ambos os personagens do texto de Vieira – Demócrito e Heraclito – reconhecidos pelo ofício de filósofos, não é de se admirar que a profundidade do alcance de suas visões de mundo os conduzisse a tais estados notáveis de ânimo – como o pranto e o riso –, pois, sendo veraz a tradição, se a forma como apreendiam a vida era dotada de tal intensidade de sentimento, a ponto de serem caricaturalmente representados pela história devido às suas expressões, isso constitui um símbolo relevante: leva-nos a crer a história que esses filósofos da natureza eram seres profundamente impressionáveis pelos mistérios da vida e do mundo, o que lhes transbordaria do caráter e temperamento filosóficos, afetados pela condição humana.

## 5. O olhar de Heraclito

O pranto de Heraclito e o riso de Demócrito podem ser lidos como expoentes de dois tipos universais, duas orientações gerais de personalidade: o extrovertido e o introvertido (Jung, 2012). Em outra possível associação,

o riso e o pranto evocam os modos dramáticos da comédia e da tragédia. Esses dois estados de ânimo, enquanto arquétipos, encarnam ainda a questão das forças opostas, presente no pensamento filosófico de Heraclito, que influenciou e inspirou pensadores como Martin Heidegger e poetas como Octávio Paz.

Acerca dos fragmentos filosóficos dos escritos de Heraclito (cerca de 500 a.C.) que chegaram até a atualidade, Edward F. Edinger cita John Burnet, o historiador da filosofia grega antiga:

A verdade até então ignorada é que as muitas coisas, aparentemente independentes e até mesmo conflitantes, que conhecemos, são, na verdade, uma coisa só, e que, por outra parte, essa coisa é também muitas. [...] A grande verdade que Herakleitós proclamava era que o mundo é a um só tempo uno e múltiplo, e que é justamente a ‘tensão oposta’ dos opostos que constitui a unidade do Uno. (Edinger, 2009, p. 53)

Entendidos pelo viés da harmonia dos contrários, presente nos aforismos de Heraclito, o choro e o riso são complementares, contrastivos, e representam bem a condição humana: o desamparo e a glória, a alegria destilada da extrema penúria, e a esperança verdejante a brotar do chão obscuro do ser que se reconhece mortal, expondo a natureza paradoxal das emoções mais elaboradas pelo sentimento criativo: formas de se conceber o incompreensível, o ilimitado, a partir da finitude.

Ainda a respeito da condição humana, em “Lágrimas de Heraclito” Padre António Vieira conduz sua argumentação por antagonismos: mencionando a oposição entre natureza e arte, o texto sugere ser o pranto fruto do estado natural, sugerindo o choro dos recém-nascidos, portanto, como um reflexo inato da condição humana; em plano distinto, o escritor português situa a arte, associando-a ao aprendizado: “Começa a vida e o pranto juntamente, para que saiba que se vem a este Mundo vem para chorar. O mais, aprenderá depois, porque é arte” (Vieira, 1953, p. 145).

Ao relacionar a espontaneidade do choro à natureza, o texto assume um caráter relativamente pessimista, pois o autor o associa ao pecado original. Esta possibilidade de leitura se revela pertinente quando o escritor sugere a ligação da dor advinda da perda do paraíso, expresso na história bíblica de Adão e Eva, com o pranto: o choro revelaria a condição humana de seres expatriados, degredados, exilados do estado paradisíaco, após a queda do homem primevo. António Vieira escreve: “responderei como filósofo cristão: se o homem pela transgressão não tivesse perdido a felicidade

em que foi criado, choraria ou não?” (Vieira, 1953, p. 145). Nesta perspectiva, o choro, marca inata de toda humanidade, seria sinal do desterro e do erro humano primordial.

Assim, as lágrimas encenam, em linguagem cristã, a perda do paraíso, ou, numa acepção existencial, a cisão do estado de união original com o Todo, o Uno, o Absoluto – ou ainda, em linguagem psicológica, a separação materna. Ao mesmo tempo, a expressão lacrimosa é uma experiência da consciência como unidade de vivência e comoção.

## 6. Considerações finais

Recorrendo ao pensamento psicológico procurou-se aclarar algumas relações entre a obra de arte e a criatividade emocional, para, em seguida, reunir à luz da reflexão hermenêutica os símbolos a respeito do conhecimento humano condensados no texto “Lágrimas de Heraclito”, de Padre António Vieira.

O fenómeno da emotividade apresentou-se multifacetado e, do ponto de vista que compreende a consciência como sendo a vivência da unidade, em que se cruzam emoções, sentimentos e pensamentos em atos criativos, a reflexão sobre a literatura mostrou que os aspetos não verbais, intuitivos da criatividade estão permeados por fatores anímicos profundos que importam consequências éticas relevantes para a ampliação dos estudos em humanidades.

A unidade criativa de sentimento e pensamento pode se dar no ato da escritura literária e também se realiza nos leitores das obras, constituindo uma síntese que dá origem a percepções de regiões desconhecidas da psique humana.

Nada obstante, o reconhecimento do poder comovente da obra artística pode conduzir a enganos e empatias ilusórias, como o conhecido caso de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, texto que teria sido recebido por alguns leitores europeus, coadunando com predisposições mórbidas e conduzindo-os ao suicídio.

Nos símbolos emanados da criatividade emotiva percebemos a amplitude do fenómeno e suas consequências éticas para as escolhas e atitudes ante a vida e a arte. Pois, se no esteio do pensamento da filósofa Martha Nussbaum, as emoções podem conduzir a enganos, falsas percepções e equívocos, fica patente a grande susceptibilidade social à manipulação da emotividade irracional, tal como é exercida pela mídia e a indústria cultural,

pela propaganda política, pela retórica de mercado, e até mesmo por meio dos efeitos produzidos pelas obras de arte.

Podemos refletir, com Goswami (2006, p. 208): “como disse Epicteto, ‘as coisas em si são sempre neutras; é a percepção que temos delas que as torna positivas ou negativas’”. Contudo, ao que parece, nem as obras artísticas e literárias, nem tampouco as percepções que delas temos são neutras, o que relega à consciência a faculdade de discernir e decidir, pois é nela que se dá a escolha ética.

## Referências

- ARAÚJO, Sônia Maria da Silva (2008). História e psicologia na hermenêutica da cultura de Dilthey. *Educação e Filosofia*. 22, 4, 159-184. Uberlândia: EDUFU.
- ARISTÓTELES (1986). *Poética*. Lisboa: Casa da Moeda.
- CATES, Diana Fritz (2003). Conceiving Emotions: Martha Nussbaum’s “Upheavals of Thought”, *The Journal of Religious Ethics*. 31 (2), 325-341. Blackwell Publishing.
- EDINGER, Edward F. (1999). *A psique na antiguidade – Livro um: Filosofia grega antiga de Tales a Plotino*. São Paulo: Cultrix.
- GOSWAMI, Amit (2006). *O médico quântico* (1ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- JUNG, Carl Gustav (2012). *Tipos psicológicos* (5ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- SPINOZA, Baruch de (2013). *Ética* (3ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- VIEIRA, António (1953). *Obras escolhidas. Vol. VII*. Lisboa: Sá da Costa.

[recebido em 31 de janeiro de 2017 e aceite para publicação em 1 de agosto de 2017]